

## **Editorial**

### **Clínica, Teoria, Cultura**

Neste número, o leitor encontra uma série de artigos que procuram demonstrar o nó indissolúvel entre a experiência clínica, a teoria psicanalítica e a cultura. Alguns deles espelham a importância do diálogo interdisciplinar da Psicanálise com outras disciplinas, tanto à apreensão e reatualização da metapsicologia quanto no que ela tem a oferecer às demais disciplinas.

Abrindo a primeira série, o artigo “O olhar como operador teórico-clínico nos atendimentos on-line em psicanálise”, de Wilian D. Fender, Maria Lívia T. Moretto e Jean-Michel Vives, examina a função do olhar na psicanálise e suas incidências na clínica on-line, a partir da perspectiva lacaniana, permitindo, assim, discutir a especificidade da clínica mediada pelas telas em nosso tempo. Em “Histeria masculina e o enigma da sexualidade em Freud e Lacan”, Sandra Chiabi investiga a construção histórica e clínica da histeria masculina em íntima articulação com o enigma da sexualidade.

Integra ainda essa série o artigo “Um percurso sobre estilo e transmissão da psicanálise”, de Marcela Maria Azevedo, propõe uma investigação acerca do operador conceitual lacaniano estilo, a partir do conceito de objeto *a*, com o objetivo de pensar e refletir sobre a transmissão da experiência analítica.

Abrindo a série de textos interdisciplinares, Richard Ledes examina seu filme *V13*, baseado na peça *Viena 13*, do psicanalista Alain Didier-Weill, para mostrar ao leitor o quanto o uso etnonacionalista da Grécia, no final do século XIX — associado à ideia de uma origem racial branca — influenciou a escalada antissemítica. O autor sustenta que Freud, na contracorrente do nacionalismo alemão, em *O homem Moisés e o monoteísmo*, desconstrói o mito da identidade racial. Já o texto “Moustapha Safouan: breve ensaio biográfico”, de Macla T. Nunes e Arthur T. Pereira, apresenta a vasta experiência advinda do itinerário clínico, teórico e institucional de um psicanalista, cuja obra se destaca por sua relevância no movimento psicanalítico francês e internacional.

O artigo “Metáfora em Lacan e Pêcheux: ‘Eis aqui o que se chama de falar!’”, de Mariana Mahlmann e Renata C. Teitelroit, explora o uso da metáfora na obra do psicanalista e na do filósofo, demonstrando que, em ambos, ela não se reduz a uma figura de linguagem, mas constitui uma operação fundamental de produção de sentido. Já o filósofo Patrice Maniglier, em “‘Acting out’ a estrutura”, argumenta, a partir da articulação entre Psicanálise lacaniana e Estruturalismo, que a estrutura, longe de ser uma ordem fechada e autossuficiente, depende de um resto constitutivo — uma fenda pela qual o sujeito emerge tanto como efeito quanto como sintoma da impossibilidade do sistema de se totalizar.

A aproximação dos psicanalistas com a Literatura, como forma de melhor dizer da experiência e da teoria psicanalíticas, encontra no texto de Gustavo Guedes e Ana Paula L. Fulco — “A parte que falta: uma leitura freudiana a partir de Shel Silverstein” — um exemplo elucidativo do que está em jogo na experiência inaugural de satisfação. Nessa

mesma linha, no artigo “Da redoma ao poema: escrita, suplência e melancolia em Sylvia Plath”, Matheus Pereira e Silva e Greta F. Moreira desenvolvem a ideia de que nem mesmo a escrita oferece sustentação à estrutura psíquica dessa notável escritora e poeta, que repetia incansavelmente uma dor sem amarração simbólica.

Por fim, a resenha do livro *O defeito do universo*, de Cláudia de Moraes Rego, assinada por Betty B. Fuks, e o comentário crítico da peça teatral *Freud e o Homem dos Ratos*, de Antonio Quinet, assinado por Noga Wine e publicado na seção Artes, encerram, com chave de ouro, a proposta temática desta edição.

*Betty Bernardo Fuks*  
Editora Responsável